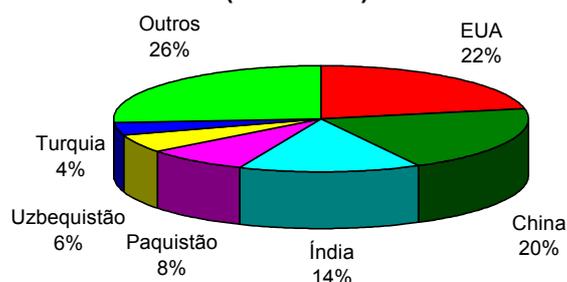


## Algodão: Crise e Retomada

### 1. O ALGODÃO NO MUNDO

Nos últimos sete anos a produção mundial de algodão em pluma apresentou uma tendência crescente, variando de 16,7 milhões a 20,8 milhões de toneladas. Por sua vez, o consumo mundial tem oscilado em torno de 18,5 milhões de toneladas e as exportações variaram entre 5,6 a 6,2 milhões de toneladas, aproximadamente 32% da produção mundial, nível bastante elevado para mercados de commodities agrícolas.

**Gráfico 1 - Distribuição da produção mundial (1996/1997)**



Fonte: Gonçalves (1997)

Uma grande parcela da produção mundial é gerada por apenas três países: EUA, China e Índia, que juntos detêm 56% do total.

Em superfície plantada a Índia situa-se na primeira posição, no entanto, os EUA e a China têm produtividades mais altas. Além de grande produtor, os EUA também são os maiores exportadores, seguidos pelo Uzbequistão, África Francesa, Austrália e Argentina.

Os maiores importadores têm sido União Européia, China e Brasil, o qual, em pouco tempo, passou de exportador a grande comprador.

### 2. A CRISE DA COTONICULTURA TRADICIONAL

Ao longo dos últimos 10/12 anos, a cotonicultura brasileira entrou em crise profunda. Enquanto em 1985 a área plantada foi de 3,7 milhões de hectares, na

safrinha 96/97 apenas 750 mil hectares foram utilizados. Isso acarretou uma queda na produção de aproximadamente 300 mil toneladas tornando os produtores locais responsáveis por apenas 40% do consumo interno, estimado em 850 mil toneladas.

Devido ao fato das importações brasileiras de algodão estarem crescendo ao longo dos anos estima-se que em 1997 o Brasil seja o maior comprador mundial de algodão onerando a balança comercial em torno de US\$ 1 bilhão.

**Tabela 1- Panorama do algodão em pluma entre 1985 e 1997**

Ano	Área Plantada (1000 ha)	Produção (1000 T)	Importação (1000 T)	Exportação (1000 T)	Consumo Total (1000 T)
85	3.704	968,8	20,5	86,6	718,0
86	3.325	793,4	67,4	36,6	773,2
87	2.161	633,4	30,0	174,0	948,7
88	2.557	863,6	81,0	35,0	873,0
89	2.112	709,3	132,1	160,0	970,0
90	1.964	665,7	86,0	110,5	840,5
91	1.938	717,0	105,9	124,3	842,4
92	1.971	667,1	167,8	33,8	775,4
93	1.277	420,2	495,4	7,4	836,9
94	1.237	483,1	420,4	4,3	840,9
95	1.228	537,1	370,0	100,0	950,0
96	973,0	415,0	380,0	40,0	910,0
*97	743,0	308,0	500,0	0	850,0

Fonte: Coamo

\*Estimativas

Paralelamente à crise, que afetou pesadamente regiões produtoras como o Norte do Paraná e o Pontal do Paranapanema, em São Paulo, a cotonicultura nacional ia sendo redesenhada. Em oposição ao abandono da cultura pelos pequenos e médios produtores das regiões tradicionais, grandes produtores do Centro-Oeste encontraram no algodão uma alternativa extremamente rentável ao cultivo da soja. Assim é que a geografia da cultura de algodão está em rápida mudança: a região Centro-Oeste já responde por 31% da produção brasileira.

**Tabela 2- Distribuição da produção de algodão em pluma por região (em %)**

Regiões	88	89	90	91	92	93	94	95	96
Centro-Oeste	9,3	10,4	11,1	13,7	13,9	19,2	21,7	25,3	30,8
Norte/Nordeste	20,5	18,7	13,2	15,9	12,2	12,7	25,3	16,3	19,5
Sudeste	33,5	30,0	29,3	22,4	23,8	23,9	22,7	25,7	20,9
Sul	36,7	40,9	46,4	48,0	50,1	44,2	30,3	32,7	28,8

Fonte: Conab

Essa situação de queda na produção de algodão em um período relativamente pequeno foi ocasionada por vários fatores. Os principais são descritos a seguir.

### **2.1. Abertura econômica**

O processo de abertura econômica ocasionou uma rápida diminuição das tarifas de importação, que passaram de 55% para zero em 3 anos. Concomitantemente a este processo os EUA estavam passando por um período de grandes safras. Dessa forma, uma boa parte desta produção foi comprada pelo Brasil.

**Tabela 3- Evolução das tarifas alfandegárias**

Ano (safra)	I. Importação (%)	ICMS/Exp.(%)
1987/88	55	-
<b>1988/89</b>	<b>10</b>	-
1989/90	10	13%
<b>1990/91</b>	<b>0</b>	<b>13%</b>
1991/92	0	13%
<b>1992/93</b>	<b>0</b>	<b>13%</b>
1993/94	0	13%
<b>1994/95</b>	<b>1</b>	<b>13%</b>
1995/96	2	13%
<b>1996/97</b>	<b>2</b>	<b>0%</b>

Fontes: SECEX e Conab

A maior parte das algodozeiras não teve fôlego financeiro para suportar a concorrência das grandes *trading companies*, terminando por sucumbir e levar consigo os produtores de algodão. Estes agricultores perderam competitividade e foram levados a trocar de atividade ou, no caso dos arrendatários, a deixar o campo.

### **2.2. Facilidade de financiamento**

O rápido crescimento das compras externas foi fortemente influenciado pelas condições de financiamento tendo em vista o diferencial entre os juros internos (25% a.a.) e os externos (7% a.a.), bem como os

prazos de pagamento de até 360 dias para o produto importado.

Assim, no período de 1991-95 o percentual de importações financiadas de pluma aumentou de 47% para 83%.

Entretanto, a partir de 1996 esses diferenciais a favor do produto externo diminuíram, tanto em função do aumento gradual das tarifas de importação (zero para 2%), como também pela medida provisória nº 1.569, de 25 de março de 1997, que praticamente aboliu a vantagem do financiamento ao exigir pagamento à vista para o produto importado.

A partir desta medida tornou-se importante para os industriais têxteis realizarem contratos com os cotonicultores para a compra da matéria-prima.

### **2.3. Mudança tecnológica**

A cotonicultura tradicional sempre foi baseada em pequenas propriedades (muitas vezes arrendadas) e em colheita manual.

As algodozeiras, por sua vez, não pagavam os produtores pela qualidade do produto e sim pelo seu peso. A busca pela maior produtividade em detrimento da qualidade fez com que o algodão colhido manualmente tivesse uma qualidade inferior ao colhido mecanicamente.

Isso acontece pois o catador, no momento da colheita, não se preocupa em selecionar o material, chegando a adicionar inclusive pedras para aumentar o peso e conseguir com isso uma maior remuneração.

A partir do momento em que a mecanização é introduzida torna-se possível unir qualidade, maiores rendimentos e baixos custos. Enquanto a colheita manual demanda cerca de R\$ 2,00/@, a mecânica custa apenas R\$0,90/@.

A mecanização, somada a outros fatores, introduziu significativos diferenciais de custo associados a economias de escala. A tabela abaixo ilustra o argumento.

**Tabela 4 - Produtividades e custos de produção para diferentes escalas (Região Centro-Sul)**

Tecnologia	Produtividade (@/ha)	Custo de produção (R\$/@)	Escala Média (ha)
Mecânica-animal	76	6,86	16
Mecanização-parcial	130	6,22	54
Mecanização-plena	250	5,08	230

Fonte: Gonçalves (1997)

Considera-se que nas pequenas lavouras (até 16 ha) utilizam-se tratores para o preparo do solo, porém os tratamentos culturais são feitos com a utilização de animais e a colheita é manual. Assim, produtividade é baixa (76 @/ha). Nas propriedades de tamanho médio, a produtividade é maior (130 @/ha) dado que o uso de tratores se estende à manutenção das colheitas (aplicação de defensivos) apesar da colheita ainda ser manual. Nas grandes propriedades, alcança-se a média de 250 @/ha (em média 230 ha) devido à intensa mecanização, desde o plantio até a colheita. Em consequência os custos são decrescentes quanto maior o tamanho da propriedade o que torna as grandes lavouras mais rentáveis que as pequenas lavouras.

Isso explica a dualidade: crescimento do Centro-Oeste como uma área de negócios em consequência da mecanização, paralelamente à decadência do Sul e Sudeste.

#### **2.4. Descoordenação da cadeia produtiva**

No segmento tradicional, o mercado brasileiro de algodão diferencia-se dos demais pois o produtor comercializa o algodão em caroço, enquanto nos outros países existe uma estrutura de beneficiamento que presta serviços para o cotonicultor, que somente faz a transação com o algodão em pluma.

No Brasil, este beneficiamento é feito pelas algodozeiras, que em sua maioria são

intermediárias no processo. Assim tem-se o mercado de algodão em caroço (cotonicultores e cooperativas) e o mercado de algodão em pluma (maioria das indústrias têxteis, os corretores e os traders importadores).

Com isso, as algodozeiras isolaram os produtores da indústria têxtil, cujo primeiro elo é a fiação. Como os produtores eram de pequeno porte, as algodozeiras cumpriam o papel de captar o algodão em caroço, descarregá-lo e vendê-lo, após classificação, para as fiações.

Além disso, medidas governamentais de estímulo à indústria têxtil, na década de 70, como a restrição às exportações de pluma, introduziram forte desconfiança entre produtores e indústria.

Como resultado dessas características, a cadeia produtiva do setor é muito pouco coordenada ou seja, os agentes não estabelecem relações estáveis, como parcerias ou contratos de fornecimento de matéria-prima.

### **3. A NOVA COTONICULTURA**

Nos últimos anos, com o crescimento da região Centro-Oeste tem surgido uma nova concepção da cotonicultura no Brasil. Grandes grupos (Maeda, Tadashi, Sachetti, Maggi) organizam todos os negócios feitos com o algodão, desde a sua produção, chegando até mesmo à fiação. Trata-se de uma cotonicultura competitiva, baseada no plantio em escala a partir de um elevado nível de mecanização na colheita.

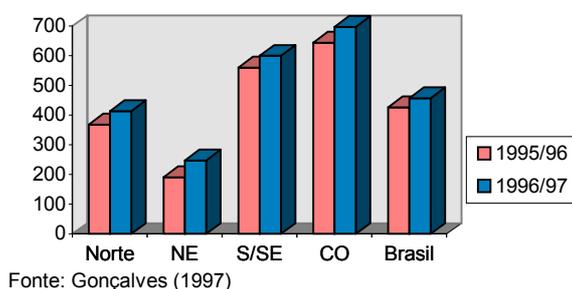
Na nova cotonicultura as algodozeiras cumprem papel apenas de prestadoras de serviço, uma vez que os grandes produtores comercializam diretamente sua produção, seja através de venda em bolsa, seja na venda direta para as fiações<sup>1</sup>.

O grande diferencial entre a grande e a pequena produção é a mecanização. A nova cotonicultura está localizada em regiões muito planas, propícias à mecanização. Com isso a produtividade é alta, o produto é de

<sup>1</sup> O Grupo Maeda, considerado o maior produtor de algodão do mundo, dispõe inclusive de fiação própria.

melhor qualidade do que o tradicional e seus custos são mais baixos.

**Gráfico 2 - Produtividade em cada região (kg/ha)**



A partir do gráfico fica evidente a superioridade das regiões que utilizam intensa mecanização. A produtividade da região Centro-Oeste é crescente (644 kg/ha em 95/96 e 698 kg/ha em 96/97) e superior à média brasileira (457 kg/ha em 96/97). Deve ser ressaltado que mesmo nessa região a cultura de algodão é de sequeiro em oposição a vários produtores internacionais que praticam a cultura irrigada, o que demonstra mais uma vez a eficiência desta região.

Os produtores tradicionais, além de utilizarem a colheita manual, frequentemente estão localizados em áreas mais inclinadas do que o recomendável para a mecanização. Mas isso não significa dizer que estejam condenados ao desaparecimento. Organizados em cooperativas e devidamente articulados com a indústria têxtil, os produtores de menor porte, desde que situados em regiões adequadas, podem utilizar máquinas de forma compartilhada, tornando-se competitivos com a produção em grande escala.

As colheitadeiras de algodão são todas importadas e podem alcançar US\$ 250 mil (modelos mais sofisticados). No mundo, são produzidas basicamente por duas firmas: Case e John Deere. O acesso a elas hoje é limitado aos produtores de grande porte que conseguem financiamento direto dos próprios fabricantes. Há, portanto, um atendimento insuficiente da demanda por máquinas.

Um dos pontos fundamentais para o surgimento da nova cotonicultura tem sido o esforço contínuo de desenvolvimento nacional de sementes. Pode-se destacar pelo menos três importantes conquistas: as sementes desenvolvidas pela fundação MT, a nova semente Coodetec-401 e a joint-venture formada entre o Grupo Maeda, a Delta Pine e a Monsanto Ltda. (MDM).

O setor também vem mostrando empenho em superar o problema da falta de coordenação e a ABRALG - Associação Brasileira do Algodão é fruto desse esforço. Busca-se uma associação que vai até os produtores passando por todos os elos da cadeia do algodão. É uma tentativa de criar relações cooperativas e promover o plantio do algodão no país com produtividade e qualidade.

#### **4. MEDIDAS TOMADAS PELO GOVERNO PARA A RECUPERAÇÃO DO SETOR DE ALGODÃO**

Devido ao aprofundamento da crise na produção de algodão no Brasil, o governo vem tomando medidas a fim de estimular o plantio.

A primeira delas foi aumentar o crédito rural (R\$ 8,5 bilhões a juros de 9,5% a.a.). O preço mínimo foi elevado em 7% para a safra 97/98 (a maior correção entre todos os produtos) passando a R\$ 7,00/@.

Além disso, os governos estaduais de São Paulo e Paraná vêm apresentando projetos de investimentos.

Em São Paulo, cerca de R\$ 20 milhões serão destinados para a cultura de algodão e tenta-se estimular a parceria entre cotonicultores, empresários e instituições de crédito.

O governo do Paraná anunciou a liberação de recursos adicionais para o algodão. Cerca de R\$ 26 milhões estarão disponíveis para os pequenos agricultores financiarem a aquisição de sementes e corretivos do solo.

#### **5. CONCLUSÃO**

A cotonicultura brasileira passa por um período de mudanças intensas. O modelo anterior se esgotou e um novo padrão está

---

emergindo, baseado em escalas crescentes, mecanização e tecnificação. Não há dúvida de que a nova cotonicultura no Centro-Oeste é competitiva internacionalmente. O espaço econômico e físico para o crescimento é amplo e as perspectivas são positivas.

Entretanto, pelo menos duas questões permanecem em aberto:

- a) O crescimento só será equilibrado quando aumentar o grau de coordenação da cadeia. A disseminação do conceito de parceria entre produtores e indústria é crucial. Em especial, a criação de mecanismos adequados de financiamento à comercialização interna é fundamental para estabilizar as relações na cadeia e evitar a reedição futura da “farra importadora”.
- b) A recuperação da cultura nas regiões tradicionais (São Paulo, Paraná e também Nordeste) não é trivial e não se dará de forma suave, via mercado. A ação coordenadora dos governos federal e estaduais assume papel decisivo na modernização da produção dessas regiões, procurando resguardar espaço para propriedades pequenas e médias dentro do novo padrão.

---

Para maiores informações, consulte GONÇALVES, J. S. (1997) “Crise do algodão brasileiro pós-abertura dos anos 90 e as condicionantes da retomada da expansão em bases competitivas”, *Informações Econômicas*, SP, v.27, n.3, pp.7-25.

**Equipe responsável:**

**Paulo Faveret - Gerente Setorial**  
**Leonardo Lopes Cortes - Estagiário**  
**Cristina Turano - Editoração**